

*Discurso na cerimônia de assinatura
do acordo do mercado atacadista
de energia elétrica*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 26 DE AGOSTO DE 1998

Senhor Ministro Raimundo Brito; Senhores Ministros de Estado; Senhor Presidente da Eletrobrás; Senhor Doutor Antonio Ermírio de Moraes; Senhores e Senhoras Empresários; Senhoras e Senhores,

Resta pouco a dizer. O tom do discurso do Ministro Brito foi suficiente para mostrar o quanto, no balanço feito, o Governo tem razões para estar contente com o caminho percorrido. E contente, sobretudo, com a parceria estabelecida.

Creio que o que nós estamos hoje, aqui, assinando é a combinação de um esforço muito grande, para que fosse possível, progressivamente, transferir a responsabilidade de boa parte do setor elétrico para a iniciativa privada, mas criando regras que assegurem, como disse o Ministro, o interesse público, o interesse dos usuários do sistema elétrico brasileiro.

Esse processo foi mais rápido do que eu próprio imaginava. Muitas vezes, ouvi críticas, sobretudo nos primeiros dois anos de governo, no sentido de que o Governo era lento em transformar as ações do Estado em ações de responsabilidade compartilhada ou de responsabilidade da iniciativa privada.

São pessoas que não comparam e que não têm noção das dificuldades de um processo, sobretudo quando esse processo é negociado e está no marco da democracia. Creio que andamos até depressa. Se compararmos com outros países e se nós, sobretudo, nos dermos conta, como acabou de dizer o Doutor Antonio Ermírio, do significado do porte do Brasil, um país de 160 milhões de habitantes, 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, muito diversificado, com interesses regionais, uma federação. É muito difícil negociar tudo isso claramente, democraticamente, de forma transparente e chegar a resultados efetivos.

O Doutor Antonio Ermírio disse, e o Ministro também, que nós despertamos o País. De fato, o gigante está andando, está caminhando. E a passos que, mesmo que não sejam, ainda, muito largos, são como de gigante e deixam marcas profundas. Já todos sabem que o Brasil, hoje, tem horizontes. E, no setor elétrico, isso significa bilhões que têm que ser mobilizados, e estão sendo mobilizados.

Ainda ontem, justamente ao fazer uma exposição a respeito do programa Brasil em Ação, na etapa que vai de 99 ao ano 2000, eu dizia aos que assistiam àquela apresentação que, apesar de que o mapa estivesse coberto de realizações, aquilo era uma pequena parte do muito que está sendo feito no Brasil, que é muito difícil locar nos mapas, porque, então, no mapa ficaria absolutamente indistinguível um ponto do outro, tantas são as obras, os projetos – não só obras – que estão sendo feitos no Brasil, em nível municipal, em nível estadual, em nível federal, em parceria entre o setor estatal e o setor privado.

Enfim, o País, realmente, tomou consciência da necessidade de se articular, para que possa caminhar, caminhar com os passos que já mencionei – fortes –, que é tudo o que o povo do País espera de nós.

Eu queria lhes dizer que, no caso do setor elétrico, trata-se de uma área extremamente difícil, sobretudo na questão da transmissão e na questão da distribuição de energia, que são problemas muito complexos para que haja um entendimento. Mas me apraz dizer-lhes que estamos fazendo isso. Nós, hoje, dispomos de uma agência reguladora, que é a Aneel, que, recentemente, ao revisar os custos de uma das concessionárias, de uma das distribuidoras, baixou as tarifas. Assim como nou-

tros momentos ela aumentou, baixou também as tarifas, porque nós temos que estar olhando, sempre, os ganhos de produtividade e a transferência desses ganhos de produtividade para outros setores, para que eles não se acumulem apenas naqueles que realizaram o ganho de produtividade, mas que nós possamos, efetivamente, beneficiar amplos setores da população com esses ganhos, sejam usuários diretos, domésticos, sejam indústrias. E isso foi feito.

O Ministro foi claro ao dizer que os órgãos do Governo, ao transferirem a responsabilidade de boa parte do problema de geração e distribuição de energia para o setor privado, não estão abrindo mão da sua qualidade de órgão público, de estar zelando pelo interesse público. Não se trata, pura e simplesmente, de retrair o Estado. Trata-se de dar ao Estado novas funções. Novas funções que têm que ser exercidas com eficiência, com competência, com transparência e sempre pensando na credibilidade das ações de governo.

Essa é a prática que nós estamos instaurando no setor elétrico, como estamos instaurando também no setor de telefonia, no setor de petróleo, de óleo em geral, e vamos instaurar, também, no setor de transportes. E queira Deus que possamos fazer noutras áreas, como, até mesmo, nas agências fiscalizadoras da saúde e em outras áreas mais em que precisamos de órgãos mais modernos, no sentido de serem mais aptos a responder às demandas da sociedade dinâmica, como é a sociedade atual no Brasil.

Mas, ao dizer isso e ao reconhecer o esforço imenso que foi feito pela Eletrobrás, sobretudo pelo Ministro Brito, que tem sido constante na crença da possibilidade do atingimento das metas, que tem sido absolutamente leal ao Governo e a mim, ao agradecer, de público, o esforço feito pela área, eu também queria agradecer o esforço feito pelo setor privado, que personifico no Doutor Antonio Ermírio de Moraes, que já falou aqui, porque ele, realmente, representa um empresário que tem coragem, que se joga e se entusiasma, como se entusiasmou há pouco com as plataformas da Petrobrás.

E quem não se entusiasma não faz nada. Quem não é capaz de sentir dentro de si o desafio e também a alegria, quando vê que esse desafio

pode ser enfrentado, quando vê que o obstáculo é transposto e quando vê o reconhecimento disso, não é capaz de fazer nada. É preciso sempre na vida ter generosidade. Quem não tem generosidade, quem não vê grande, caminha a passos pequenos e tomba logo, tomba logo. O Doutor Ermírio não vai tombar, até porque ele também é gigante fisicamente. Se tombasse, seria um desastre. O passo é firme e simboliza bem essa vontade brasileira de ir para a frente.

E, ao falar de vontade brasileira, eu quero tomar uma outra palavra que foi aqui dita pelo Doutor Antonio Ermírio. Ele disse que era preciso haver união. Eu acho que, mais do que nunca, neste momento, o Brasil precisa ter consciência do interesse nacional e unir-se em torno do interesse nacional.

Não é segredo para ninguém que o mundo está em uma época de dificuldades. Não é o Brasil, não. O Brasil está sofrendo as conseqüências das dificuldades do mundo, das turbulências que vêm de fora. Nós temos condições de reagir com tranqüilidade, com firmeza, com energia. Mas temos que entender que o mundo globalizado é um mundo que tem riscos, tem oportunidades e tem riscos. E, se nós não nos entendermos internamente, será mais difícil enfrentar as procelas que esse novo mundo apresenta.

Eu acho que é o momento de os brasileiros e as brasileiras pensarem bastante sobre isso, sobretudo nos setores políticos, que, às vezes, se engalfinham a troco de nada e transformam falsos problemas em problemas ou fazem acusações levianas, em momentos delicados, ou, às vezes, até quase torcem pela catástrofe. Não dá para entender. Como brasileiro, não posso aceitar isso. Acho que é o contrário. É o momento, de novo, de generosidade.

Quem continuar com a responsabilidade de dirigir o Brasil – e não vamos prejudicar – há de ter uma visão ampla e há de apelar para que o País todo sinta que a imensa potencialidade se transformou já em realidade e que o caminho que nós temos pela frente, ao invés de olharmos pelo retrovisor e só prevermos tempestades, que, no passado, nos afundariam, mas hoje, não, deve-se olhar com confiança para o futuro.

Eu acho que essa palavra de união é uma palavra válida. É uma palavra válida. Eu aproveito o ensejo deste encontro, aqui, de parceiros, para pedir-lhes que renovem o seu entusiasmo pelas possibilidades do Brasil no setor elétrico, que é fundamental para dar base ao setor energético em geral e para os novos passos que o País vai dar, e que o façam com a consciência tranqüila, firme, sabedores, todos, das dificuldades, mas também com muita crença, porque o gigante está andando e não vai parar.

Muito obrigado.

